

TECER SABERES *OUTROS*: resistências fronteiriças

Tejer conocimientos otros: resistencias fronterizas

Julia Evelyn Muniz Barreto Guzman¹

Dr. Edgar César Nolasco²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo uma reflexão acerca de saberes dos sujeitos pertencentes a um lócus específico, a América Latina, mais especificamente a Bolívia. As narrativas contadas a partir da/na fronteira buscam resgatar o que foi reprimido pelo discurso do colonizador. Se fomos lançados às margens, cuja história local é singular, resgatar esses saberes, ou seja, as epistemologias fronteiriças, tornam-se um ato de desobediência epistêmica necessário para desvincular-nos dos padrões impostos pelo poder hegemônico. Costura-se dentre as linhas deste trabalho experiências/memórias/resistências locais como por exemplo o testemunho/vida de Domitila Barrios de Chungara uma mulher boliviana, mineira e líder feminina. Para fomentar essa discussão proposta valemo-nos de estudos de teóricos como Walter Mignolo (2014), Edward W. Said (2003, 2005), Zulma Palermo (2008, 2010,2015), entre outros.

Palavras-chave: América Latina; Bolívia; Domitila Chungara; Epistemologias fronteiriças.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo reflexionar acerca del conocimiento de los sujetos pertenecientes a un locus específico, América Latina, más específicamente Bolivia. Los relatos contados desde/en la frontera buscan rescatar lo reprimido por el discurso del colonizador. Si fuéramos arrojados a los márgenes, cuya historia local es única, rescatar estos saberes, es decir, las epistemologías fronterizas, se convierte en un acto de desobediencia epistémica necesario para desprendernos de los estándares impuestos por el poder hegemónico. Y eso cose entre las líneas de este trabajo experiencias/recuerdos/resistencias locales, como el testimonio/vida de Domitila Barrios de Chungara, una mujer boliviana, minera y líder femenina. Para fomentar esta propuesta de discusión, se utilizaron estudios de teóricos como Walter Mignolo (2014), Edward W. Said (2003, 2005), Zulma Palermo (2008, 2010,2015), entre otros.

Palabras clave: América Latina; Bolivia; Domitila Chungara; Epistemologias fronterizas.

1.Re-existências e existências na/da fronteira

Falo de milhões de homens que foram sabiamente instilados com o medo, complexo de inferioridade, tremor, genuflexão, desespero, servilismo.

CÉSAIRE *apud* PALERMO, 2010, p. 80 (tradução minha).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; juhgzman@gmail.com

² Doutor em Literatura Comparada; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.br

O título deste trabalho é uma menção a um dos subtítulos do texto intitulado “Heterogeneidad estructural y re-existencia en la escucha” (2015), de Cristina Siñanis e Zulma Palermo. A escolha é justificada por duas razões: a primeira pelo próprio ato de tecer um texto a *partir de* (MIGNOLO, 2003) meu corpo que carrega experiências (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 44). Pois [...] experimentar é igual a vivenciar em pesquisa de e sobre arte a própria experiência em arte” (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p.38). E a segunda é o ato de tecer das mulheres bolivianas, bem como a ação de tecer memórias descritas por Siñanis e Palermo (2015). Julgo necessário ressaltar que minha tessitura se desenha a partir de minhas sensibilidades locais enquanto pesquisadora mulher, neta de bolivianos e que escreve/vive na/da fronteira do estado de Mato Grosso do Sul, fronteira com os países Paraguai e Bolívia, em uma universidade pública fronteiriça à margem dos grandes centros acadêmicos do Brasil. Cristina Siñanis e Zulma Palermo corroboram a minha necessidade de situar-me geograficamente e, sobretudo, epistemologicamente:

O que se busca de uma posição ética do pensamento crítico é prestar atenção às experiências locais que surgem nos interstícios dos sistemas culturais. O conhecimento é produzido em lugares específicos porque é uma maneira específica de dar sentido a um mundo que é governado por sua própria história e que é projetado a partir da especificidade de sua diferença.

Em outras palavras, se aceita que todas as formas de conhecimento são "locais", as práticas culturais típicas das diferentes situações geo-históricas latino-americanas parecem ser analisadas de acordo com suas particularidades. (SIÑANIS; PALERMO, 2008, p. 243).

O testemunho/vida da boliviana Domitila e eu nos escolhemos em meados de maio de 2017, pouco antes da prova de seleção para o mestrado no Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos de Linguagens (PPGEL), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Desde então venho tecendo minhas/suas/nossas memórias de divíduos (PESSANHA, 2018) alocados no *afuera* da narrativa moderna que “desde a conquista das Américas, os projetos de cristianização, colonização, civilização, modernidade e desenvolvimento têm configurado as relações entre Europa e suas colônias em termos de oposição nítida entre um Ocidente superior e seus inferiores. (PALERMO, 2008, p. 241). Para a conversa que venho delimitando utilizo-me de autores dentre outros Walter Mignolo (2014), Edward W. Said (2003, 2005), Zulma Palermo (2008, 2010,2015).

Falei agora há pouco acerca de uma narrativa moderna, segundo Walter Mignolo esse olhar está “[...] baseada na crença de que a modernidade é um relato de salvação que necessita da colonialidade, é dizer, da exploração, a repressão, a desumanização e o controle da população para poder levar adiante os processos de salvação” (2014, p. 32). Com esse discurso a colonialidade explorou e dispensou divíduos e lugares, Domitila Chungara dá exemplos para se pensar as práticas econômicas que dispensavam vidas humana: “E se ao homem vamos continuar tratando somente como força que tem que produzir, tem que produzir e que morram; e quando morrem é trocado por outra força que é outro homem, também para arruiná-lo [...]” (VIEZZER, 1999, p. 32). Domitila reconhecia que a maneira como a vida do boliviano era tratada igualava-se à mercadoria em meio a retórica da modernidade. Muitos tiveram que morrer para sustentar os grandes impérios modernos, e conseqüentemente muitos tiveram que nascer para substituir e servir como “mercadoria” viva para o desenvolvimento do Primeiro Mundo. Na edição especial de 2018 do testemunho de Domitila Chungara organizada por meio da *Biblioteca del Bicentenario de Bolivia*, Chungara narra um episódio que ocorreu em um dos

eventos no qual participou. Em um Congresso Internacional das Mulheres Mineiras em Oruro, Domitila afirmou que:

No tempo de colônia, se algum cientista tivesse inventado um remédio para fazer a mulher boliviana parir, a mulher do império Inca, tinham nos feito parir de dez em dez as crianças. Porque necessitavam de braços para trabalhar nas minas, necessitavam de braços para trabalhar no açúcar, e no café e em todas as riquezas que temos [...] (VIEZZER, 2018, p. 290-291).

A fala de Chungara mostra sua consciência frente ao domínio espanhol que a Bolívia enfrentou durante anos. Os mais de 500 anos de regimes coloniais, não apagaram a força, as memórias e as sensibilidades do passado indígena. (MIGNOLO, 2008, p. 03). Ao contrário do que lhes eram narrados, tal desenvolvimento das colônias não poderiam ocorrer debaixo das condições imperiais, pelo contrário, eram as colônias que sustentavam o Primeiro Mundo. “Portanto, a experiência de ser colonizado significou muito para regiões e povos do mundo cuja experiência como dependentes, subalternos e súditos do Ocidente não acabou [...]” (SAID, 2003, p. 115). Em minha visita a Bolívia, em especial a cidade de Potosí, na semana de eleição presidencial, que acabou com uma greve civil de 21 dias, vi mulheres à frente da paralisação, protestando, cuidando de seus filhos e tecendo literalmente entre uma agulhada e outra suas re-existências, As “[...] mulheres que tecem e conversam desfolhando as tristezas que a vida sempre lhes trouxe. As agulhas se movem ao ritmo da boca que fala das crianças, dos preços inatingíveis da erva e do pão [...]” (SINÂNIS; PALERMO, 2015, p. 106). E que naquele dia 17 de outubro de 2019 estavam nas ruas pedindo por melhores condições para sobre(viver) enquanto corpos da diferença colonial:

É de outro lugar de enunciação - que implica uma opção pela vida em contra a política de morte (de corpos e mentes) do projeto da economia global - a partir da suposição de um imaginário crítico com genealogia Latino-americana, que proponho aqui essas reflexões visando à reconstituição de outro horizonte do futuro, diferente daquele perseguido pela ilusão revolucionária da teoria da dependência, embora apoiada por ela. Daí a declaração proposta por Aimée Césaire, que orienta essas reflexões, é proposta como uma emergência desse posicionamento e como ponto de partida para tentar mergulhar no longo apoio a uma violência que é definida para nós pela e na diferença colonial (PALERMO, 2010, p. 80).

Eu me desprendo e falo *a partir de* minha condição de corpo fronteiriço, prezando sempre pela vida daqueles bolivianos que tiveram suas vidas dispensadas para acumular riqueza e morte e de tantos corpos *expelidos/espremidos/excluídos da casa hegemônica* (MIGNOLO, 2008, p. 12). Prezo pela vida de meus primos bolivianos que sobre(vivem) na pequena cidade de Puerto Suárez, que desde pequenos con(vive)m com os esforços e a luta para terem o básico. Prezo, sobretudo, pela vida de minha vó paterna, um corpo ancião que neste momento de isolamento sobre(vive) dos recursos disponibilizados pelo Estado. Foi durante meu convívio e minhas idas e vindas entre BR/BO que meu despertar para um grito de re-existência do divíduo que sofre um apagamento epistemológico surgiu:

Daí o nosso interesse em focar essa reflexão no que chamamos de violência epistêmica, uma forma silenciosa de genocídio intelectual operado pelo "pensamento único", uma categoria que circula hoje nos discursos acadêmicos pós-modernos / pós-estruturalistas, mas cuja origem é, ele disse, no começo da política imperial / moderna / colonial exercida após a conquista da América. (PALERMO, 2010, p.82).

A violência epistêmica é pautada na valorização cultural, valorização do conhecimento, noção de divisão binária de barbárie/ civilização, crença/ciência, pobreza/desenvolvimentos,

etc. (PALERMO, 2010). A fronteira me fez pensar na divisão abissal existente no universo. Durante muitos anos cheguei a acreditar em um pensamento construído socialmente, de que do outro lado da linha (Bolívia) era apenas rota de comércio barato, ilegalidade e pobreza em todos os sentidos. Causando também um *epistemicídio*³ de meu próprio corpo que carrega sangue brasileiro e boliviano. Sendo consciente de meu habitar e sentir a fronteira volto-me para a ação de descolonização, ou seja, o pensar da/na fronteira epistemológica na qual habitamos, com nossas línguas em espanhol ou em português da América do Sul, mesmo com nossas línguas advindas de uma gramática originária das línguas europeias, mas com nossos corpos fronteiriços. O pensamento descolonial ou fronteiriço, por assim dizer, é uma questão de pele (sensibilidades) e de localizações geohistóricas do habitante do lado Sul do globo. Sendo uma opção, dentre outras possíveis e viáveis, e não uma imposição de “nossa” episteme, como afirma Edward Said:

Desse modo, construir uma estrutura conceitual em torno da noção de nós-versus-eles é, com efeito, pretender que a consideração principal é epistemológica e natural—nossa civilização é conhecida e aceita, a deles é diferente e estranha—, ao passo que, na verdade, a estrutura que nos separa deles é beligerante, construída e situacional. (SAID, 2003, p. 323-324).

As afirmações de Said em seu texto “A representação do colonizado” (2003), corrobora a citação acima ao mencionar que os críticos Fanon e Césaire pediam, ou melhor, exigiam dos a favor de seus ideais “que abandonassem ideias fixas de identidade estabelecida e definição culturalmente autorizada. Tornem-se diferentes, diziam eles, para que seu destino como povos colonizados possa ser diferentes [...]” (2003, p. 135). Desta maneira, reconhecemos a diferença como meio de nos aproximarmos aos outros, é por meio da *semelhanças-na-diferença* (MIGNOLO, 2003) que o globo se completa. Contrapondo-nos da missão civilizadora da interioridade “que têm um objetivo mais elevado na vida do que outros; isso dá ao mais poderoso, mais desenvolvido, mais civilizado o direito de colonizar os outros, não em nome da força bruta ou da pura pilhagem [...], mas em nome de um ideal nobre. (SAID, 2003, p. 321). Na América do Sul, a exemplo, o pensamento descolonial vive nas mentes e corpos de indígenas. Na Bolívia, o pensamento descolonial é fundamentado no quéchua e no aymara. Os indivíduos optam por deixar de aceitar como opção única e exclusiva a matriz imperial que racializa pessoas, línguas e religiões:

Uma rápida visita à produção do pensamento crítico da América do Sul se coloca na posição de enunciação que busca pensar em si mesmo da alteridade, gerando discursos de resistência ao processo hegemônico e buscando sua identidade além do sujeito construído pela modernidade (PALERMO, 2008, p. 220).

O *aprender a desaprender* o que nos foi imposto durante séculos pela retórica moderna é a condição necessária para romper com a epistemologia dominante programada em nós (*anthropos*). No ato de desaprender e romper com o conhecimento dos *humanitas*, nos transformamos em indivíduos desobedientes epistemologicamente, “[...] habitando e pensando nas fronteiras e nas histórias locais, confrontando-nos aos projetos globais [...]” (MIGNOLO, 2015, p. 181). Procurando mudar as regras do jogo e as relações de poder para assim *re-existir*.

³ O conceito de epistemicídio é, em linhas gerais, toda supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena. Cf. A introdução do livro *Epistemologias do Sul* (2010), organizado por Boaventura de Souza Santos e Maria Paula de Meneses.

Referências

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Paisagens biográficas pós-coloniais: retratos da cultura local sul-mato-grossense*. Campo Grande: Life Editora, 2018.

MIGNOLO, Walter. Prefacio. In: GÓMEZ, Pablo Gómez (org.). *Arte y estética en la encrucijada descolonial II*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2014.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. 2017. D disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso: 21 abr. 2020.

PALERMO, Zulma. Revisando fragmentos del “archivo” conceptual latino-americano a fines del siglo XX. In: *Tabula rasa*. n. 9. Bogota: Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, 2008, p. 217-246.

PALERMO, Zulma. SIÑANIS, Cristina. Heterogeneidad estructural y re-existencia en la escucha. In: *MILLCAYAC: Revista digital de ciencias sociales*. v. II, n. 3. Mendoza: Centro de Publicaciones FCPyS, 2015, p. 105-113.

PALERMO, Zulma. Una violencia invisible: “la colonialidad del saber”. In: *Cuadernos de la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales*. n. 38. Jujuy: Universidad Nacional de Jujuy, 2010, p. 79-88.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward. W. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VIEZZER, Moema. *Si me permiten hablar...* testimonio de Domitila una mujer de las minas de Bolivia. México: Siglo XXI Editores, 1999.

VIEZZER, Moema. *Si me permiten hablar...* testimonio de Domitila una mujer de las minas de Bolivia. La Paz: Biblioteca del Bicentenario de Bolivia, 2018